

## AMORES LOUCOS, AMORES TÓXICOS

**Rúbrica:** As locuras do amor

**Dupla:** Alejandra Hornos - Susana Strozzi

**Integrantes:** Aldo Zeballos, Alejandra Loyo Monsalve, Alejandro Ovando, Angélica León, Diego Rodriguez, Frank Loreto, Gaely Miranda, Giselle Cardozo, Iván Delgado, Julio Arias, Karen Hochstätter, Luisa Arias, Mariela Camacho, Pablo Reyes, Paul Mata, Nakary Romero Lira.

*“De uma cidade você não disfruta as sete ou as setenta e sete maravilhas,  
mas sim a resposta que dá a uma pergunta sua”.*  
Ítalo Calvino, *Las ciudades invisibles*, p.53

Isso não é um Encontro ... à maneira do famoso "Isso não é um cachimbo" de Magritte, algo aconteceu – podemos chamar-lhe de “o tempo da pandemia” - cuja incidência vai além do uso de formatos virtuais que nos congrega. Um “além” que o torna um Encontro “diferente dos anteriores” e que interroga pela enunciação do seu título: “O novo no amor”, seguido de “Modalidades Contemporâneas de Laços”.

O novo onde sempre há o mesmo? Lembramo-nos do indicado por Miller: “... algo novo é a forma que a dimensão do Outro adquire para nós, a dimensão do que foi dito na Outra Parte, uma dimensão indelével da experiência humana”<sup>1</sup>. O novo se veste de inovador, mas - como ouvimos no depoimento de um AE - estava lá desde o início ... [o significante] “nomeou o que reencontrei de novo no final”.<sup>2</sup> Para ela, um reencontro no qual mortificação “desapareceu”<sup>3</sup> mas que, segundo o poeta, implica uma viagem ao fundo do desconhecido, no não conhecido, para encontrar o novo. É a volta que da Miller, ao ocupar-se com o sintoma, evoca o cometa<sup>4</sup>. E para nós uma primeira formulação: o amor como um cometa, com o qual tentamos captar *algo do novo e do velho* nele para questionar sua loucura.

O enigma da rubrica - que sempre chamamos de “amor louco” - nos coloca em ação em uma série de encontros animados.

Qual é a máscara com a qual as devastações, explosões, paixões transbordantes, ciúmes e infidelidades aparecem e são nomeadas atualmente? Qual é o significante que podemos ouvir em nossa prática e na própria vida para nomear as loucuras do amor? Em formulação ainda imprecisa, no final... apareceu: tóxico. E embora a rubrica - que nos manuscritos e códices designava a letra ou linha inicial, muitas vezes escrita no "ruber" (vermelho) de sua etimologia - é algo que diz respeito a um começo, entretanto, tomamos, aquele significante do fim para começar as voltas pelas vozes da polifonia recolhida.

---

<sup>1</sup> Miller, J. A. *El síntoma charlatán*. (1998) Paidós. Bs Aires. Pág. 13.

<sup>2</sup> Testimonio de Gaby Medina, en la ELP, el 18/06/21.

<sup>3</sup> Id.ant.

<sup>4</sup> Miller, J.A. *El síntoma y el cometa*. Comentado por L.Gorostiza en Entrevista para el Enapol con la referencia precisa a Baudelaire y el último poema de *Las flores del mal*, “El viaje”.

Veremos se algo está decidido no final, incluindo o "além" aludido no início deste texto.

### **Tóxico 1 / Fenômenos.**

Como substantivo e adjetivo, o termo roda é aplicado a uma variedade de situações, comportamentos e relações. Uma mulher, de quase trinta anos, mas com uma filha que já é estudante universitária e um filho adolescente, chega a uma consulta e anuncia: “Estou numa relação tóxica”, relação que a princípio não é clara se se refere àquela que ela mantém com o marido entediado que fracassa como fornecedor ou com o amante casado que oferece presentes e apoio financeiro para seu novo negócio. O celular-“presente de aniversário”, justifica ele, embora faltem meses para a data - é o fio condutor com que alimenta o ciúme não dirigido à mulher do amante, mas sim a uma amiga e vizinha dela com quem, ele aparentemente mantém "encontros". Por outro lado, lemos nas notícias da BBC News que após a renúncia de Andrew Cuomo em meio a um escândalo de assédio sexual, Kathy Hochul prestou juramento como governadora do estado de Nova York - a primeira mulher a fazê-lo - e ao assumir o cargo, ela promete que seu exercício "não será tóxico".

Com a expressão "amor tóxico", entendemos em nosso cotidiano uma forma particular de amor que "não faz bem". E o "ser tóxico" ou que o outro seja, "o estar em relacionamento tóxico", são expressões que explicam algo envenenado. Um louco amor que pede cada vez mais, como "chaves, código, localização", para entrar nas redes do outro e ficar agarrado a ele. Ou uma discurso relacionado ao ser; “explicar o ser, é ao mesmo tempo não explicar nada”<sup>5</sup> e, nesta ordem, uma aparência que encobre o real em jogo nas questões do amor.

Assim, o “tóxico” corresponde à explosão dos chamados “vícios contemporâneos”, cujo caráter multirreferencial não se aplica à variedade de substâncias, mas aos objetos de consumo. Sinatra enumera: sexo, videogame, pornografia, celular, TV, esportes, internet, compras ... e as chamadas “pessoas tóxicas”, que, “pela consideração de outra pessoa, seriam a substância viciante para outras pessoas”<sup>6</sup>.

Essa extensão das toxinas na vida cotidiana conduz à tese generalizada da toxicodependência, e à investigação do papel da toxina, para isolar, em cada caso, o lugar que (as diferentes substâncias escolhidas) ocupam na economia libidinal de cada indivíduo. As adições (escritas por Sinatra com o x da *Fixierung*<sup>7</sup> freudiana) baseiam-se no valor aditivo, ou seja, no valor tóxico do próprio gozo. O lado real e mais sombrio de um "não quero parar" que vem com a frase "não posso parar" regido pela inércia da pulsão de morte.

### **Tóxico 2 / Lógica**

Como não se trata de acumular as referências aos fenômenos para caracterizar o tempo, mas, ao contrário, desvendar a lógica que determina o funcionamento da "máquina da civilização" que produz os fenômenos, apelamos à lógica dos discursos, lembrando que, “ao contrário de toda pesquisa anglo-saxônica e alemã [...] que tenta fundar a estrutura,

---

<sup>5</sup> Miller, J. (2011). *Leer un síntoma*. Recuperado de <http://ampblog2006.blogspot.com/2011/07/leer-un-sintoma-por-jacques-alain.html>

<sup>6</sup> Sinatra, E., *Adixiones*, Grama ediciones, Bs.As., 2020.

<sup>7</sup> Fixação

o Outro, no laço social”, Lacan afirma que o discurso funda o vínculo social.<sup>8</sup> “Não é que a linguagem faça parte do mundo humano, mas é isso que sustenta seu mundo de ponta a ponta, como a prática psicanalítica tem mostrado.”<sup>9</sup> Ele acrescenta, com seu toque de ironia lacaniana, “agradaria aos céus que os homens fizessem amor como animais; seria bom porque isso acontece entre eles de forma civilizada.”<sup>10</sup> Quando se trata de humanos, é que aparecem os dramas e surgem mal-entendidos, justamente porque isso funciona.

Precisamente porque “isso funciona”, em 1972, em seu Discurso na Universidade de Milão, Lacan escreveu o “discurso capitalista” na lousa para ler a astúcia do capitalismo que mais tarde chamaríamos de “global”; aquilo com o qual e sob o qual vivemos. A astúcia louca manifestada pela inversão de dois matemas e o levantamento da proibição que alteram os vetores e nos mostram um Sujeito submetido ao imperativo do gozo consumista, o “gozo repetitivo fora do saber, que nada mais é do que o gozo-de-si do corpo atingido pelo hábil desvio do S1 sem S2”.<sup>11</sup> Em suma: o sujeito dos vícios, o objeto -os objetos- de consumo e uma astúcia maluca, do discurso, mas “dada à explosão”.<sup>12</sup>

Vejam os que podemos ler sobre o amor e a loucura, então, na redação deste discurso, tanto do lado dos sujeitos quanto do objeto de amor. Uma leitura não cronológica, mas lógica, que implica -como diz M-H Brousse- “uma simplificação”.<sup>13</sup>

O levantamento da proibição em que se sustenta o discurso capitalista se correlaciona muito bem com a dimensão imaginária do amor que -não sem sua raiz pulsional - embarca em uma demanda excessiva de amor por meio da tentativa incessante de fazer de um *Dois*, o *Um*, coisa própria da fusão. É nesta linha que localizamos a articulação precoce do amor com a loucura em Lacan (1946, “Sobre a causalidade psíquica”) quando, em relação às coordenadas hegelianas que a orientam, situa a loucura como fenômeno típico do registro imaginário e o delírio da paixão, a bela alma e a lei do coração aparecem como figuras de um desconhecimento imaginário que implica a crença no próprio ser. Já no Seminário I, e no que diz respeito a Werther, ele revê a “psicologia da paixão”, onde o amor -em relação à loucura do narcisismo- é entendido como uma experiência que vincula o amante a um semelhante especular. Ele o nomeia: “apego mortal” e é essa coincidência do objeto com a imagem fundamental do herói de Goethe que o desencadeia. Ideal do Eu e do Eu ideal se sobrepõem; é quando você se acredita ser -o Eu alienado a nível imaginário- o que você gostaria de ser -Ideal do Eu no nível simbólico.

Um amor que só pode ser vivido e lido no registro imaginário, é um amor conquistado pelo ilimitado de querer fazer existir a relação sexual. O pacto simbólico que permite a

---

<sup>8</sup> Miller, J.A., *El Otro que no existe y sus comités de ética* (En colaboración con Eric Laurent). Paidós, Bs.As., 2005, p. 121. É, aliás, o que permite diferenciar a Conversa, elevada à dignidade de dispositivo da Escola, do imperativo “Tem que ser discutido”, típico de Massenparloteo, “que é o que resta do para tudo. x quando não tiver mais o apoio de quem diz não”.

<sup>9</sup> Lacan, J. Discurso en la Universidad de Milán el 12 de mayo de 1972. Fue publicada en 1978, en edición bilingüe (francés-italiano) por la editorial La Salamandra.

<sup>10</sup> Id. ant.

<sup>11</sup> Miller, J-A. *El Ser y el Uno*, sesión del 16-03-2011.

<sup>12</sup> Lacan, Id. ant. [“Crevasion” no original, como o que acontece em um pneu furado]

<sup>13</sup> M-H Brousse, “Los nuevos desórdenes del amor”. En: *Bitácora Lacaniana*, No.2, nov.2013, p.12

distância pacificadora entre o eu e o outro -a distância da lei- é a passagem de Lacan nos Seminários VII e VIII quando, em seu interesse pela sublimação, aborda detalhadamente o amor cortês que lhe permite articular uma forma de amor em um relacionamento à distância com *Das Ding*. O amor cortês tem, portanto, implicações que transcendem a literatura ao situá-la numa ética e uma erótica, mas também como ponto de apoio fundamental para o que será, mais adiante, o que vincula o amor ao impossível da relação sexual.

Vemos, aliás, que aliado ao virtuosismo que veicula e ao modelo de educação sentimental para a nobreza que representa, o amor cortês constitui um erotismo fundado na sublimação na qual objeto -a Dama- é elevado à dignidade da Coisa em termos de ausência, ou seja, uma sublimação, que dirige o objeto de desejo para além do princípio do prazer por meio de uma figura de amor na qual o objeto se torna presente sob o modo de privação. Por isso, embora compartilhe com o amor narcisista a exaltação do Ideal, acrescenta a anamorfose para dar conta de sua particularidade: a de representar a Coisa como vazio. Assim, ao nível do imaginário, não exprime a tensão agressiva, mas sim a função limite.

Por outro lado, durante a primeira parte de seu ensino, poderíamos dizer que Lacan fez uma tentativa muito séria de diferenciar entre amor e desejo -uma tentativa relacionada ao modelo edipiano e sua interpretação do Édipo que é a metáfora paterna- a partir de que recuperamos a fórmula "Amar é dar o que você não tem." Mas, uma vez que sai desse quadro, surge um terceiro termo, que é o gozo. E "os três termos que estão em primeiro plano no último ensino [...] são gozo, morte e o que ele chama, em um jogo de palavras, amuro -do objeto *a* e muro, parede- ou seja, ponto de parada; o amor como ponto de parada".<sup>14</sup> O ponto de parada desapareceu, então, e isso que recai sobre os objetos *a* que se tornaram o objeto do gozo capitalista e sua multiplicação inerente como objetos de consumo, nos dizem, então, que o amor mudou. E que na louca astúcia do discurso contemporâneo o amor não é mais, como foi durante séculos, uma forma de sublimação, mas uma forma de perversão.<sup>15</sup>

Do lado do sujeito, seguimos o caminho traçado por Miller e M-H Brousse usando o axioma *il e l'Un* - há um - do Seminário 19 em articulação com o *não há relação sexual* do Seminário 20 para pegar o fio da leitura que buscamos. A queda da metáfora paterna, e com ela também a da metáfora como tal, isto é, da substituição significante e do fato de a substituição produzir o Outro, atingindo os sujeitos. Do sujeito representado por um significante a outro significante, passamos a um campo em que os sujeitos funcionam como *um* só, onde o modo de produzir a pluralidade tem a ver com o número, não com o nome. E uma vez que o que está correlacionado com o *não há relação sexual*, não há o Dois de complementaridade e fusão. "O que aparece é uma espécie de relação de dois, *um e um*, que se torna múltipla. Então, um mesmo pode ter muitos relacionamentos de casais -não amantes- muitos relacionamentos de dois".<sup>16</sup> Como o caso da mulher mencionada no início; uma multiplicação onde um casal funciona como modelo para o atamento dos elementos, num ambiente que não é mais o

---

<sup>14</sup> Id.ant., p.13.

<sup>15</sup> Id.ant., p.19.

<sup>16</sup> Id.ant., p.15-16.

da ordem do Nome-do-Pai e em que o único limite que chega a este movimento ilimitado do emparelhamento, poderia muito bem ser denominado: morte.<sup>17</sup>

Se até agora tentamos ler um pouco da “astúcia louca” do discurso capitalista a respeito do amor, talvez possamos voltar - para concluir - ao próprio Lacan quando, ele formula que é algo que, embora pareça estar indo bem, o faz também. rapidamente, o que, ao fazê-lo, é consumido.

Não foi isso que vivemos - o que ainda vivemos - com o chamado “tempo da pandemia”? Em todo o caso, não se trata de uma resposta, mas de uma pergunta. As possíveis respostas, por outro lado, vêm por meio do trabalho realizado e só podem ser formuladas de forma singular, por cada um de nós, e em termos de um programa de pesquisa, clínica, epistêmica e, sobretudo, como analisandos.

Talvez com cuidado. Lacan fala em relação ao futuro e ao que ele chama de "descendência" de seu discurso analítico: algo mais aparecerá que, é claro, deve manter a posição de semblante. Será um discurso PS. Um PS seguido de um T, para fazê-lo de acordo com a maneira como nos dizem que Freud antecipou a importação do discurso psicanalítico na América: "adicionar um E. Isso faz PESTE."

*Tradução: Michelle Meira  
Revisão: Thamer Prieto*

---

<sup>17</sup> Id.ant., p.17.